

Tecnologias, mídias, educação: Tensões e aproximações

por Lucia de Mello e Souza Lehmann

Resumo

O texto aponta paradoxos e desafios relacionados às aproximações das tecnologias e mídias no âmbito da educação. Dialoga com o referencial sócio-histórico na construção dos sujeitos e os estudos latino-americanos de comunicação. Focaliza os jovens estudantes universitários, do curso de pedagogia, professores em formação, como referência no estudo, buscando identificar aspectos presentes e atuantes na apropriação e aprimoramento das tecnologias e mídias na educação. Identifica o jovem como um impulsionador do uso das mídias na universidade. Reflete sobre as potencialidades e necessidades de um aprimoramento técnico e crítico para utilização das tecnologias e mídias na educação.

Palavras chave: tecnologias, mídias, educação, formação, jovens.

Abstract

This paper intent to point out the paradoxes and challenges related to the approximations of technologies and media in the field of education. It dialogues with the socio-historical references and the Latin American studies in communication. It focuses on young university students, of pedagogy course, teachers, as a reference to identify aspects in the appropriation and improvement of technologies and media in education. It identifies the youth as a driver in the use of medias at the university. Finally, it thinks over the potentialities and needs for the technical and critical improvement for utilization of technologies and media in education.

Keywords: technology, media, education, young people.

Introdução

“Tecnologias, Midia e Educação” é um tema de estudo que nos desafia, pela sua expansão crescente, pela complexidade que envolve suas discussões, pelas tensões presentes e possibilidades futuras. O estudo das tecnologias e mídias vem ao encontro da Educação porque as tecnologias se difundiram de tal maneira que se torna impossível pensar uma formação sem levar

em conta as transformações que vem se dando em nossa experiência cotidiana e nas formas de produzir e compartilhar conhecimento.

A aceleração das inovações tecnológicas vem ocorrendo em uma escala multiplicativa, numa reação em cadeia, um “surto dramático” de transformações geradas pela revolução microeletrônica (Sevcenko, 2001). Reconfigurando diversas áreas de conhecimento, espaços, concepções, negócios, ser-

viços, o avanço e a difusão das tecnologias eletrônicas estão gerando fortes efeitos e impactos sobre os modos de vida, sobre os aspectos pessoais da existência tornando-se interesse das ciências humanas e sociais. A arena das mudanças tecnológicas invade o campo das ciências humanas porque não são os eletrônicos que se tornam determinantes mas as transformações que se organizam nos sistemas sociais, ao redor do mundo, alterando

a vida das pessoas. Os novos meios eletrônicos apontam ainda de maneira significativa para uma divisão, na produção e utilização dos símbolos e práticas culturais, entre os que tem acesso a estes recursos e os que estão excluídos (Larson, 2002). Enfocar esta realidade implica constatar a necessidade de aquisição e domínio cada vez maior de linguagens e códigos específicos, para o convívio pessoal e para as interações via mídia eletrônica.

Dentro deste panorama, cada vez mais a Educação, de forma mais ampla, a Escola e a Universidade, de formas mais específicas, vêm sendo desafiadas a refletir sobre o desenvolvimento tecnológico e a criar ações no sentido de cumprir seu papel de formação e inclusão social. Cada vez mais a Universidade e a Escola vem sendo desafiadas a atuar como mediadoras entre as mídias e tecnologias e a formação da sociedade, ocupando diferentes funções nestas relações.

Estudos sobre a relação das "Tecnologias, Mídias, Educação", vem sendo realizados no Brasil², sob diferentes ângulos, focalizando segmentos da população jovem e mídias diversas, mas em se tratando de campo tão novo e amplo ainda há muito para ser feito. A tarefa não é simples, implica identificar, refletir, mapear os impactos, as repercussões advindas destas complexas criações humanas, e ainda questionar e analisar, de forma

contínua e intensa, como o próprio fluxo de seu crescimento, os riscos e possibilidades das mesmas quando se fala de educação e de políticas de inclusão. Neste movimento nos confrontamos com uma questão, depois outra e mais outra.....Como começar?

Nos últimos anos vimos estudando a apropriação e utilização de tecnologias e mídias, mais especificamente o computador e a internet, por jovens estudantes. Iniciamos com os alunos do curso de Pedagogia da UNIRIO, passamos a alunos de Pedagogia da UFF e também jovens não universitários, alunos de escolas pública e privada. Neste texto escolhemos um ponto de foco: a experiência com jovens universitários, professores em formação, como alavanca para refletir sobre questões no contexto das tecnologias, mídias e educação. Dialogamos com o referencial da teoria sócio-histórica, enfatizando a importância do social e da cultura na construção dos sujeitos, e com os estudos latino-americanos voltados para a recepção de produtos audiovisuais, dentre os quais destacamos Martin-Barbero, atento à dinâmica dos jovens relacionadas às tecnicidades e às especificidades dos países latino-americanos.

Embora estejam sendo inseridas nas universidades e escolas brasileiras, a utilização das Tecnologias e Mídias se confronta com um conjunto de barreiras que envolvem

questões ideológicas, limitações econômicas e o desafio que representa a apropriação do saber e uso destes novos instrumentos. Sobrepor-se a este desafio requer, não só identificar e suprir a demanda de uma infraestrutura e material tecnológico, mas mapear as necessidades, os recursos e domínios de conhecimentos para a utilização das mídias e a capacidade e habilidade para traçar caminhos de autoria e autonomia (Gutierrez, 2005).

Essencialmente intelectuais, as tecnologias se colocam no cerne da atividade humana, do desenvolvimento e das transformações sociais, gerando a necessidade de aquisição de um conhecimento para o convívio pessoal e para as interações via mídia eletrônica. Neste caminho, convivemos com vários paradoxos, altos níveis de produção e conhecimento das tecnologias e mídias por alguns segmentos em contraposição às lacunas existentes nas próprias unidades de ensino, tidas como responsáveis por criar e difundir o saber. Altos níveis de tecnologia são desenvolvidos e consumidos por alguns núcleos sociais aumentando as distâncias entre os que têm menos recursos para adquirir ou gerar desenvolvimento. No âmbito das empresas algumas produções e pesquisas podem se tornar altamente desenvolvidas gerando recursos enquanto nas Universidades Públicas e nas escolas, a falta de recursos

financeiros, torna-se significativa na pesquisa, na produção material, no investimento humano. Como nos deslocarmos nestas lacunas?

Analisando as experiências de inserção da informática nas escolas da França, dos anos oitenta, Pierre Levy, (2004) considerou alguns resultados decepcionantes. Atribuiu os resultados negativos em parte, ao material de baixa qualidade oferecido pelo governo, em parte à formação deficitária dos professores, limitada aos rudimentos da programação, em parte, ao material de baixa qualidade oferecido pelo governo em parte à formação deficitária dos professores, limitada aos rudimentos da programação. Rivoltella (2005)³, afirma que os educadores na Itália não dialogam com as mídias resumindo-se a utilização dos aparelhos na sala de aula, não compreendendo a mídia como parte de um processo que deve estar articulado com o cotidiano dos alunos e ser objeto de estudo. Afirma que visando mudar este cenário as universidades vem desenvolvendo projetos e oferecendo cursos e módulos na área para formação e atualização de professores.

A pesar das diferenças algumas dinâmicas se repetem no Brasil. Na pesquisa do SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico) divulgada no site do INEP (INEP-2005), um dos itens que obteve as piores pontuações foi o relati-

vo aos laboratórios e práticas de informática, na avaliação dos pais e alunos. Os cursos de formação de professores incorporaram de forma incipiente ao seu currículo as tecnologias de informação. Poucos cursos têm laboratórios de informática e raramente são oferecidas disciplinas relacionadas a esta formação afirma Duarte (2006). As instituições de ensino, precisam dispor uma infra-estrutura física e tecnológica e estimulo a formação continuada de seus professores para as diferentes mídias (Duarte, 2011). Durante nosso trabalho, tanto como professora nos cursos de Pedagogia quanto em nossa pesquisa no contato com as escolas, particularmente na rede pública de ensino, esta realidade se confirma ainda no dias atuais.

A inserção das tecnologias nas escolas, os projetos de informatização das escolas públicas no Brasil e também das universidades, tem se dado sem dado de forma desordenada e fragmentada..Muitas escolas recebem material e aparelhos mas não dispõem de condições de alocação do material recebido, não dispõem de pessoal técnico preparado para instalação e manutenção, não tem verbas para manter o funcionamento dos aparelhos que vão sendo encostados como sucatas à medida que deixam de funcionar. Algumas escolas recebem a tecnologia, mas não é fornecida aos professores uma formação para as utilizar,

para que possam integrar os saberes de que dispõem às tecnologias. Repete-se assim um ciclo que evidencia os grandes recursos demandados para a introdução das tecnologias no campo educacional, uma pressão para a obtenção de resultados imediatos e ainda posições diferentes entre as escolas e os responsáveis pelos projetos de financiamentos e políticas, que segundo Pretto (2001) dirigem a escola de "fora e de cima". O autor faz uma crítica às políticas que adotando posições pouco integradas geram atrasos na busca de solução para os problemas da educação brasileira.

Se por um lado a educação avança em um ritmo lento na utilização das novas tecnologias e mídias, a temática cria tensões porque quando nos voltados para os jovens e deparamo-nos com o grande interesse dos mesmos pela área. Isto não quer dizer que tenham um preparo para a utilização ou que tenham uma visão crítica dos conteúdos e manobras midiáticas, mas o grande interesse que têm pelas mídias tem sido um fator impulsionador de busca de apropriação das mídias.

Jovens e práticas

Os jovens são apontados e reconhecidos, por varias pesquisas, como grandes usuários das tecnologias e mídias. Mesmo os meninos de rua, jogadores de bolas nos sinais,

encontram na mídia uma atividade prazerosa, ver televisão, e encontram nelas referências de vida e ideal. “Quero ser artista de verdade...e aparecer na TV, no programa do Gugu” (Lehmann e Golarte, 2010). Entre jovens escolarizados, o interesse se volta para os celulares e a internet, tenham eles ou não a possibilidade de possuí-los. Os jovens não estão alheios aos recursos tecnológicos e não sabemos efetivamente que práticas, capacidades, processos estão implicados na utilização que fazem dos mesmos, até porque seus interesses parecem se deslocar rapidamente de algumas práticas para outras desbravando os “territórios virtuais”

Que uso os jovens fazem das tecnologias e como isto se relaciona com o sistema educacional no qual estão inseridos?

Como dissemos anteriormente neste texto, escolhemos a experiência com jovens universitários, alunos do curso de Pedagogia da UFF, professores em formação, como alavanca para re-fletir a temática. Nossos principais dados foram construídos nos anos de 2009 e 2010 e trabalhamos diretamente com alunos entre 18 e 24 anos. (trabalhamos com uma amostra de cerca de 20% do total de alunos da FEUFF). Embora abordasse outras mídias o foco da pesquisa foi mais especificamente voltado para a internet e os dados foram construídos a partir de entrevistas e questionários. A “observação

on line” foi utilizada em alguns “locus” mencionados pelos jovens.

Uma das prioridades que se tem quando falamos nas tecnologias diz respeito às possibilidades e qualidade de acesso. Ainda que a sociedade de informação tenha alcançado um grande desenvolvimento e transformações no Brasil isto é algo que acontece de maneira bastante desigual entre os diversos segmentos jovens, em função da inserção socioeconômica, locais, etc.

Alguns autores enfatizam o domínio de alguns grupos sobre os sistemas de comunicação em detrimento de outros. Chauí (2006) faz uma crítica do controle que é exercido nos sistemas informáticos que operam em rede, com centralização de dados, e o poder que exercem os que têm seu domínio. A autora assinala, por outro lado, como os objetos tecnológicos ampliam as forças intelectuais humanas, a capacidade de pensamento, tornando-se importantes instrumentos de trabalho, acrescentando que estamos diante de uma nova forma de inserção do saber e da tecnologia, que gera uma mudança no modo de inserção social.

Retomando aos nossos jovens, constatamos que no grupo focado a grande maioria tem acesso à internet (78%, em 2009, subindo para 97%, em 2010), o que parece um resultado positivo e esperado, em se tratando de universitários.

No entanto ao verificarmos os locais de acesso constata-se que somente cerca da metade destes jovens (em junho de 2010, 44%) podia acessar a internet em sua própria casa. Os outros o faziam em seus locais de trabalho, na Universidade e em Lan House. Mesmo em pequeno número o acesso em Lan house representa, para alguns alunos (3%), a possibilidade de utilização da rede. Embora a universidade disponha de laboratório este é insuficiente para o atendimento da demanda (relação aproximada de 80 alunos para cada computador).

O mapeamento das práticas realizadas por este seguimento aponta para a utilização significativa e dominante da internet para relacionamentos. Inicialmente através do email, ganhando espaços com os blogs, os fotologs, os sites de bate papo, redes sociais (Lehmann, 2009). O Orkut e mais recentemente o Facebook são os grandes movimentadores de interatividades. Grande parte dos entrevistados (80%) publica experiências pessoais e busca informações para sua vida utilizando a internet como referência para comportamentos, formação de atitudes, valores, referências ligadas à saúde, estética, e relações afetivas. A internet é efetivamente para estes jovens espaços de sociabilidade e estão diretamente articulados aos processos de conhecimento e reconhecimento social, “se você não tá

na rede não existe, ninguém nem se lembra de você!”. De acordo com Martin-Barbero (2006) há uma nova sensibilidade produzida a partir da operação, interação e conexão midiática.

Para a maioria dos alunos a internet é a principal fonte de informações, contudo parte deles (41%), elege a televisão e o rádio como os mais utilizados. O acesso a informação impressa se dá basicamente pela literatura apontada como referência para leitura pela faculdade, indicada pelos professores. Este fato leva-nos a constatação de que realmente as fontes “áudio” e/ ou “audio-visuais” são predominantes, usadas entre os jovens por iniciativa própria para a informação. Estes dados reafirmam a posição de que as sociedades latino-americanas vivem num ambiente de informação com uma complexidade de relações entre os saberes e as diversas formas de aprender mas referidas a um sistema educativo organizado em torno da escola e do livro. (Martin-Barbero, 2006).

As tecnologias têm gerado mudanças nos modos de vida, seja no âmbito da vida pública ou privada. Entre os jovens isto é uma unanimidade, mesmo para aqueles que têm acesso restrito ou afirmam não as acessar. Como entre as grandes mudanças apontadas estão as formas de relacionamentos, os que estão afastados do uso ficam à margem das

combinações, brincadeiras e comentários. As interações e comunicações na rede se estabelecem entre os que freqüentam a universidade, que se vêem presencialmente, e também aos outros grupos e comunidades que se formam nos ambientes virtuais.

Informações sobre temas diversos e de foro íntimo são assuntos consultados e que passam a ser uma referência e ponto de apoio. Os jovens são assíduos em sites em que são divulgados e discutidos aspectos relacionados à vida pessoal, experiências afetivas, curiosidades da vida de artistas, atletas famosos, etc. O âmbito da vida privada é motivo de interesse para saber e para revelar, interessam-se pelos depoimentos uns dos outros, identificando-se ou não conforme seus interesses e expectativas. Alguns afirmam buscar por informações que não gostariam de perguntar às pessoas da família ou que convivem diretamente, sentindo-se mais à vontade e preservados na Rede.

Entre os jovens focados no estudo, a grande maioria afirma não participar de fóruns culturais ou debates temáticos relacionados à sua área de estudo. A grande maioria dos jovens (81%) não participa de atividades relacionadas à política e não se interessa pelo andamento da política no país. Esta informação faz eco com dados obtidos em estudos sobre a juventude brasileira (Ribeiro,

E., 2005) e ainda com estudos realizados com Jovens da América Latina, que apontam a falta de interesse dos jovens em participação política, como analisa Carlos Welti. (Lehmann, 2004).

O acesso ao site da Universidade se dá de forma geral em situações focais, de interesse específico e vem crescendo com a inclusão de procedimentos disponibilizados pela instituição. A matrícula on line, a inscrição de disciplinas, a consulta ao calendário acadêmico, passam a demandar o uso da internet. O aluno também utiliza a internet para pesquisas na produção dos trabalhos acadêmicos, procura de estágios e empregos, mas pouco para o exercício propriamente acadêmico, dentro da Universidade. Os alunos relatam utilizar a internet como meio de troca de informações entre eles, sobre aspectos do cotidiano das disciplinas cursadas, criando uma rede de comunicação que corre paralela à oferecida formalmente pela faculdade.

A utilização da internet como recurso pedagógico, inserido nas disciplinas, utilizando-se de ferramentas, ainda não se constitui uma prática instalada no curso de Pedagogia. Este fato naturalmente está diretamente relacionado à dinâmica instituída pelos docentes. No último ano algumas iniciativas acontecem neste sentido, surgindo a utilização de e-grupos e alguns poucos

blogs. Temos uma experiência que está sendo realizada com um blog na disciplina de Psicologia da Educação no primeiro ano do curso, de modo que de início já fazemos uma enquete sobre possibilidades de acesso, interesses, etc.

Mais recentemente temos observado um movimento de “ocupação” de espaço no facebook também com informações e atividades acadêmicas. Referente a uma turma de licenciatura, composta de alunos de cursos diversos, a monitora comenta “professora os alunos, estão me “cutucando no face”, e perguntando sobre a matéria, coloquei então algumas informações”. No facebook da monitora estão avisos e chamadas referentes à disciplina e comentários dos alunos. Interessante é que os mesmos alunos podem ter acesso ao blog a procuram em uma ambiente não formal, não acadêmico, através deste contato mais pessoal. Isto nos faz pensar nestes espaços de “transgressão”, no interesse e necessidade de “correr por fora” tão característico do jovem, nas trocas rápidas, se possíveis imediatas, fluidas, que podem se estabelecer a qualquer hora, dia, noite, madrugadas, subordinadas às suas regras e não às estabelecidas pelas instituições! Os jovens ressaltam possibilidades do experimentar e conhecer coisas novas, ter novas vivências, ter liberdade é o que alguns colocam como justificativa para o grande interesse

pelos mídias e tecnologias. Ao se apropriar do espaço virtual o jovem quer imprimir sua forma de ser, fazendo na internet uma extensão de seus ritos e práticas.

A rapidez do desenvolvimento tecnológico, acompanhada pelo mercado, se estabelece de forma diferente quando se trata da assimilação cultural, perceptiva e política (Orozco, 2006). Um ritmo menos acelerado acontece no âmbito dos sistemas educativos e da escola que supõem sedimentações. Orozco (2006) refere-se a estas diferenças como uma “série de destempos” que atropelam a vida cotidiana, exigindo ajustes e processos de aprendizagem por parte dos atores sociais. Processos estes que se dão de forma desigual, ficando por vezes interrompidos em alguns setores e segmentos, como é o caso da educação.

Algumas observações:

Os desafios encontrados no Brasil no diálogo com as tecnologias e mídias chamam a atenção, mesmo sabendo que estas dificuldades também estão presentes em outros países considerados como mais desenvolvidos. Atribui-se, muito destes limites, ao professor, mas vale ressaltar que grande parte da formação do professor tem se dado por iniciativa e esforço próprio, com custos assumidos por ele em virtude da falta de políticas e incentivos. Esta dinâmica vem ocorrendo

tanto relativa ao professor que está no lugar de ensinar ou desafiar para o saber, universitário ou não, quanto aos professores em formação.

Ao mesmo tempo cada vez mais se discute a necessidade do educador dialogar com a mídia (mídia-educação, educador, são alguns termos utilizados), seja nos espaços da escola, de uma forma crítica e flexível, seja nos espaços da própria mídia com uma comunicação voltada para um público maior e para a sociedade de forma geral.

Entre os jovens professores em formação notam-se iniciativas, mas também a necessidade de preparo técnico, de domínio de um conjunto de conhecimentos para uma utilização mais crítica da mídia e de um direcionamento de suas potencialidades para suas áreas de formação. Consta-se o interesse do jovem pelos sites de relacionamento e o uso privado da internet impulsionando o uso na Universidade. Estes aspectos nos indicam, como professores e formadores, caminhos e possibilidades para implementações de ações, mas também a necessidade de políticas que dêem cobertura e apoio a estas inserções

NOTAS:

- 1 Lucia de Mello e Souza Lehmann. Professora Adjunta da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense- Brasil- Doutora em Psicologia pela Universidade Federal de Rio de Janeiro. Coordenadora do grupo de pesquisa "Subjetividade, Educação e Cultura"(UFF) e pesquisadora do NIPIAC.
- 2 Alves, Duarte, Fischer, Girardello, Gouveia, Mamede, Oliveira, Oswald, Pretto, Ribes, para citar alguns.
- 3 Rilvotella em entrevista ao jornalista Marcus Tavares.

REFERÊNCIAS:

- CHAUÍ, M. (2006). Simulacro e poder: uma análise da mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abamo.
- DUARTE, R. Mídia audiovisual e formação de professores. <http://www.users.red.puc-rio.br/midiajuventude/textaudioeformaprof.htm>. Acessado em abril/2006.
- DUARTE, R. Mídiaeducação em debate. em w.revistapontocom.org.br/category/entrevista [http://Rosália Duarte.Midiaeducação em debate](http://RosáliaDuarte.com.br). acesso em 05/05/2011.
- GUTIERREZ, Susana.(2005). Mapeando caminhos de autoria e autonomia: a inserção das tecnologias educacionais informatizadas no trabalho de educadores que cooperam em comunidades de pesquisadores. UFRGS. Trabalho apresentado no GT: Educação e comunicação da ANPED, 2005 (texto disponibilizado pela autora).
- LARSON, Reed, W., Bron, B.(2002) Mortimer Editors. Globalization, Societal Change, and New Technologies; What They Mean for the Future of Adolescence. In Adolescent's Preparation for the future. A report of the Study group on adolescence in the 21 st Century. Illinois, Urbana: Blackwell Publishing.
- LEHMANN, L.M.(2004). Adolescentes na América Latina. Encarando o Futuro com Ceticismo.(resenha) Revista Brasileira de Crescimento e Desenvolvimento Humano. São Paulo: Polo.(14).
- LEHMANN, L. M. S.(2009). Falasujeito@.com.br: espaços emergentes de construção de subjetividades. in: Barros, R.(org). Subjetividade e educação: Conexões contemporâneas. Rio de Janeiro: Contracapa.
- LEHMANN, L.M.S.(2010). A Visibilidade como estratégia de sobrevivência. In Psicologia & Sociedade: Interfaces no debate sobre a questão social. Lacerda, F & Guzzo, R. Campinas.S.P. Alínea.
- LEVY, P. (2004). As tecnologias da inteligência. São Paulo: Ed. 34 Ltda.
- MARTIN-BARBERO, J. (2006.) Tecnicidades, identidades, alteridades: mudanças e opacidades da comunicação no novo século.in Sociedade Midiatizada (org.) Dênis de Moraes (org). Rio de Janeiro: Mauad.
- MARTIN-BARBERO, J. (2006). La razón técnica desafía a la razón escolar in Televisión, valores y adolescência. Rivero, Y. M. (org.) Barcelona: Gecisa.S.A.
- OROCZO G., Guilherme. (2006). Comunicação Social e Mudança tecnológica: Um cenário de múltiplos desordenamentos. In Morais,D. (org.) Sociedade Midiatizada. Rio de Janeiro: Mauad.
- PRETTO, Nelson. (2001). Espaço Aberto.Formação de professores exige rede! In Revista Brasileira de Educação. Vol X.n.1. 2001. <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a10.pdf>, Acesso jan 2011.
- RIBEIRO, E. e outros. (elab.) (2005). Juventude brasileira e democracia: participação, esferas e políticas públicas. Relatório Final. Rio de Janeiro: IBASE, POLIS.
- RIVOLTELLA, Pier Cesare.(2005).(http://portalmultirio.rio.rj.gov.br/portal/riomidia/em_entrevista. Acesso em março/2011.
- SEVCENKO, Nicolau. A corrida para o século XXI. São Paulo. Cia das Letras, 2001.